



FRATELLI TUTTI: POR UMA COMUNIDADE MUNDIAL SAMARITANA

FRATELLI TUTTI: FOR A SAMARITAN WORLD COMMUNITY

DARLI ALVES DE SOUZA

Resumo: O presente artigo visa estabelecer pontes entre a *Fratelli Tutti*, última encíclica papal e o ecumenismo. Além disso, evidenciar a contribuição do ecumenismo por meio de diversas iniciativas ao longo da história. O ecumenismo tem diversas nuances que confere a ele uma rica diversidade de organizações e vivências. O conjunto dessas iniciativas contribuiu e contribui para o encaminhamento de soluções de diversos problemas mundiais em conjunto com lideranças de outros setores da sociedade. Desta maneira a religião tem um papel importante de transformação da realidade.

Palavras-chave: Ecumenismo, movimento ecumênico, fraternidade social, amizade social.

Abstract: This article aims to establish bridges between *Fratelli Tutti*, the last papal encyclical and ecumenism. In addition, to highlight the contribution of ecumenism through various initiatives throughout history. Ecumenism has several nuances that give it a rich diversity of organizations and experiences. The set of these initiatives has contributed and contributes to the forwarding of solutions to various world problems together with leaders from other sectors of society. In this way religion has an important role in transforming reality.

Keywords: Ecumenism, ecumenical movement, social fraternity, social friendship.

Introdução

A atual encíclica do Papa Francisco é um convite a uma nova ordem social. Nela ele aborda temas cruciais que afligem o mundo e faz um convite às lideranças religiosas e políticas para unirem esforços na direção de resolução dos grandes problemas globais por meio de uma atitude de fraternidade e amizade social.



Em certa medida é a consolidação de diversos esforços ecumênicos na busca de uma sociedade mais justa e igualitária. Ocorreram diversas iniciativas de para superar diferenças, intolerâncias, conflitos violentos a partir de lideranças que promovem o ecumenismo.

Ao longo da história, o termo ecumenismo, derivado do vocábulo *oikoumene*, teve diversos significados. O primeiro foi a dimensão geográfica que indicava o mundo habitado, conhecido no contexto grego clássico da Antiguidade. A partir da expansão das fronteiras gregas realizada por Alexandre Magno, começou a ocorrer a convivência de diversos povos e daí surge o conceito de helenismo como elemento de unidade cultural minimamente possível. Portanto, o termo *oikoumene* passa a ser utilizado como elemento normatizador de cultura. A partir da ascensão do Império Romano, essa palavra passa ter o sentido de abrangência política de todo o território imperial. A expressão *Mare Nostrum* ilustra muito bem este significado (SANTA ANA, 1987).

Mais recentemente, no século XVII, o vocábulo adquiriu significado religioso:

Profundamente escandalizado com o antitestemunho dessas guerras nas quais os cristãos, para defender a sua versão do Evangelho, estavam de fato sendo infiéis a ele, Leibniz enfatizou a necessidade de se chegar a construir uma Igreja Universal que desse lugar em seu seio às diferentes expressões da vida e da fé cristã. A partir de 1691 manteve contato epistolar com Bossuet, Bispo de Meaux e tutor da coroa da França. Foi através desta correspondência que a palavra ecumênico chegou a adquirir sua dimensão religiosa como indicação da universalidade do Cristianismo e, portanto, da própria fé e da Igreja de Cristo (SANTA ANA, 1987, p. 22).

Outro autor, na mesma direção, afirma que o ecumenismo “designa o conjunto dos esforços e das manifestações que visam a promover unidade entre os cristãos e, na medida do possível, entre as igrejas cristãs”(GISEL; KAENNEL, 2016, p. 532).

No início do século XX o termo ecumenismo tomou novos contornos, especialmente no mundo ocidental, muito ligado a três temas importantes: Missão, Doutrina e o testemunho cristão.

O testemunho cristão começou com movimentos de jovens e estudantes, ocorrido no final do século XIX, na Europa, e espalhou-se ao redor do mundo.

O tema da missão, protagonista na transição do século XIX para o XX em suas primeiras décadas, teve continuidade ao longo do século XX, mas foi reinterpretado e incorporou elementos significativos da responsabilidade e da participação na sociedade. Em outras palavras, essa temática reinventou-se ao longo do século XX, passando de um entendimento proselitista para um conceito mais amplo.



O tema doutrinário também apresentou seu protagonismo a partir do século XX, com o debate de elementos constitutivos da fé cristã, no continente europeu que também se irradiou para os demais continentes.

Esses movimentos formaram e consolidaram o principal organismo ecumênico, o Conselho Mundial de Igrejas – CMI. Esses três rios caudalosos – Vida e Ação, Fé e Ordem no início e, posteriormente, Missão – formaram essa importante organização que coordenou as iniciativas ecumênicas no período proposto para este trabalho.

O termo *ecumênico* continha elementos que não eram fáceis de lidar, no meio protestante e ortodoxo no início do século XX, por conta da utilização que a Igreja Católica Apostólica Romana fazia em seus concílios ao longo dos séculos. Houve inclusive a proposição de se utilizar o termo *pancristão*, para evitar confusão de entendimento. No entanto, vencida esta celeuma, a Conferência Universal do Cristianismo Prático Vida e Ação ocorreu em 1925, em Estocolmo. Neste evento, o termo “movimento ecumênico” passou a ser adotado “para o conjunto dos esforços em prol da unidade cristã” (GISEL; KAENNEL, 2016, p. 533).

É importante destacar que o lema desta conferência foi: “A doutrina divide, mas o serviço une”, que fazia menção aos esforços realizados em paralelo em prol da unidade cristã do Movimento Fé e Ordem (DIAS, 1998, p.137).

A partir desse momento, o termo *movimento ecumênico* ganhou força e em 1937, os movimentos Fé e Ordem e Vida e Ação iniciaram os primeiros passos para a criação do CMI. Esse acontecimento só foi possível em 1948, após a Segunda Guerra Mundial, quando a Aliança Universal para a Amizade Internacional se uniu a este esforço e, neste mesmo ano, em Amsterdã, Holanda, foi criado o CMI. A esta iniciativa somaram-se o Conselho Internacional de Missões e o Conselho Mundial de Educação (GISEL; KAENNEL, 2016, p. 535).

Vale ressaltar que esse movimento possuía tensões que envolvem os principais temas: testemunho cristão, missão e doutrina. Ao longo da existência do CMI, ocorreram avanços e retrocessos, especialmente nas questões que envolveram a área de Fé e Ordem deste Conselho.

Outro elemento importante é que a participação ortodoxa ampliou-se e a aproximação com a Igreja Católica Apostólica Romana aumentou, especialmente a partir do Concílio Vaticano II que contou com a presença de lideranças protestantes como observadoras (BONINO, 1967). Este fato foi considerado um avanço ecumênico, e teve consequências e desdobramentos positivos, especialmente na América Latina.



O movimento ecumênico busca eliminar a falaciosa dicotomia entre igreja e mundo como universos separados e sem qualquer conexão; para superar o imaginário comum nas igrejas protestantes de que as pessoas crentes “não são deste mundo”.

De um lado o movimento ecumênico busca se aprofundar no seu engajamento na sociedade civil em seus aspectos principais, tais como, defesa do meio ambiente, igualdade de etnia, justiça social, equidade de gênero, cidadania plena etc. Por outro lado, as Igrejas se distanciaram das discussões do movimento ecumênico pelo fato de terem, em sua maioria, lideranças herdeiras do pensamento dominante das décadas da ditadura e possuíam uma atitude apática a tudo que diz respeito a questões que estão fora do espaço eclesial e, como consequência, em relação ao ecumenismo.

Portanto o movimento ecumênico não prioriza o espaço eclesial, dando ênfase as suas discussões em relação a questões sociais.

De um outro as Igrejas utilizam uma estratégia de fechamento nas questões do seu entorno, defendendo uma ética própria contra as “corrupções” do mundo e da vida moderna. Evidentemente não se deve absolutizar e, portanto, há exceções.

O período atual é marcado pela busca de articulação e cooperação. Um ecumenismo que vai para além da competição e/ou indiferença e do universo cristão. É o momento em que as antigas querelas ideológicas começam a ser deixadas de lado e instituições eclesiais e organismos ecumênicos começam a trabalhar em conjunto, principalmente através de redes. Obviamente é um processo embrionário. Ainda estão presentes as tensões e antagonismos.

Um dos sinais desta mudança é CER (Compartir Ecumênico de Recursos), motivado pelo CMI (Conselho Mundial de Igrejas), na perspectiva de mudar o rumo do movimento ecumênico a fim de superar antigas dificuldades, principalmente no que diz respeito à não aceitação mútua (movimento ecumênico - instituições eclesiais e vice-versa, bem como às relações assimétricas entre as igrejas e agências ecumênicas do Hemisfério Norte e suas contrapartes no Hemisfério Sul).

Essa posição é apresentada a partir do documento que surge na reunião do CER-Brasil em março de 1995 que claramente aponta a necessidade do rompimento da falta de relações e cooperação entre as instituições e as entidades ecumênicas e entre estas e outras entidades que, muito embora pratiquem um outro modelo de ecumenismo, não eram consideradas como ecumênicas, nem se identificavam como tal, mas sua ação e postura são ecumênicas na sua essência. Assim temos por parte das igrejas a seguinte declaração:



É importante não renunciar ao compromisso ecumênico, fortalecendo uma postura pastoral dialogal de conversão das Igrejas históricas e revendo urgentemente a função – o papel – da estrutura da Instituição, no sentido do serviço, instrumento, veículo. Isto significa fortalecer uma proposta de diálogo – de parcerias –, de derrubada de muros e de animar a caminhada conjunta em favor da vida. Nesse sentido, torna-se fundamental trabalhar a relação ecumênica de forma diversificada e graduada; juntar-se a todas as pessoas de boa vontade e celebrar para uni-las na defesa da vontade de Deus Criador [...] Isto é um compromisso ético de diaconia. O ecumenismo dos movimentos sociais representa um desafio muito próprio para a Igreja. Se o ecumenismo está em risco de emancipar-se das Igrejas, então cabe a elas questionarem-se sobre as razões por que isto ocorre [...] Há a necessidade urgente de diálogo, de acertar os passos, e as Igrejas históricas têm que buscá-los, animá-los, integrar-se (CER apud OLIVEIRA, 2006, p. 28-29).

Por outro lado, os organismos ecumênicos assumem que:

As entidades ecumênicas não podem negar o valor das instituições eclesiais, pois sem elas a Fé não teria expressão histórica. Porém, elas não esgotam a vitalidade e o testemunho do evangelho[...] A vitalidade e dinamismo do movimento ecumênico sempre residiram na sua capacidade de manter duas dimensões: as institucionais e as de movimento. Toda vez que o Movimento Ecumênico enfatizou a instituição, em detrimento da dimensão movimento, ele perdeu vitalidade. Ao enfatizar somente o movimento, ele correu o risco de perder a identidade. Somente através da administração criativa desses conflitos as igrejas poderão beneficiar-se, em sua ação pastoral, da criatividade e da liberdade relativa das entidades ecumênicas. A mesma responsabilidade cabe às entidades ecumênicas, pois somente assim elas poderão ser instrumentos de apoio e de arejamento das Igrejas (CER apud OLIVEIRA, 2006, p. 30).

Portanto diante das duas citações é importante frisar que se vive uma nova época no movimento ecumênico marcada pelo encontro de duas forças importantes da sociedade, por um lado as instituições religiosas, mais precisamente as Igrejas Cristãs e por outro os vários movimentos e entidades ecumênicas que promovem ações concretas de intervenção na sociedade. Nessa união de forças é importante destacar a iniciativa do Fórum Ecumênico Brasil, que será mais bem descrito mais adiante na presente reflexão. Essa iniciativa merece destaque porque está completamente sintonizada com a nova realidade ecumênica que se apresenta, qual seja, a criação e fortalecimento de redes de articulação e cooperação em diversas áreas de atuação na sociedade. Além disso, busca a não duplicação de esforços e recursos, mas sim a otimização dos mesmos.



I. O pluralismo da vivência ecumênica

Nesse contexto é importante ressaltar que no Brasil o ecumenismo tem uma vivência bastante plural. Não há um conceito único, porque o movimento ecumênico na atualidade vive uma pluralidade antes não experimentada. Há vários modelos de vivência ecumênica e isso possibilita uma rica e ampla experiência.

Setores e entidades que antes não se comunicavam já se reúnem, planejam e realizam ações conjuntas com as igrejas e com a sociedade civil organizada. Vive-se uma nova realidade dentro do movimento ecumênico, na qual antigos ranços são superados e muros são derrubados porque a conjuntura nacional do país exige postura e ações concretas de intervenção que não mais permite continuar cada um (organismo / entidade ecumênica / igreja) a ficar no seu “cantinho” e dar lugar à competição e duplicação de esforços.

É necessário discutir o antigo modelo de movimento ecumênico clássico iniciado no final do século XIX e início do século XX. Com certeza teve sua importância, pertinência e validade, pois historicamente respondeu às demandas que a ele se apresentaram. Nos dias atuais, porém, esse modelo está em processo de transformação e há outros espaços de relações ecumênicas que redesenham o movimento ecumênico a partir de outros modelos.

Por outro lado, não se pode esquecer que os novos modelos de vivência ecumênica, em certos momentos, geram tensões no modelo clássico de movimento ecumênico, principalmente no espaço ecumênico eclesial (Conselho Nacional de Igrejas Cristãs – CONIC/ Conselho Latino-Americano de Igrejas – CLAI/ Conselho Mundial de Igrejas – CMI). As Igrejas de tradição mais antiga no meio protestante às vezes questionam a participação das Igrejas Pentecostais e Livres no movimento ecumênico pelo simples equívoco de as confundirem com grupos, e movimentos que utilizam ferramentas pesadas de marketing na venda de bens simbólicos. Isso tem gerado desconforto para ambos os lados porque as Igrejas Pentecostais e Livres não podem ser confundidas com grupos e movimentos que em determinados momentos vêm à tona na mídia envolvidas com escândalos, principalmente financeiros.

Já as Igrejas Livres e Pentecostais questionam o modelo de movimento ecumênico adotado historicamente pelas Igrejas de tradição mais antiga afirmando que esse modelo é “engessado” e que é necessário agir de maneira diferente, principalmente quanto ao conceito e à forma fazer missão.

É importante ressaltar que alguns entraves, entre outros, se apresentam para dificultar a vivência ecumênica no Brasil. Um deles está relacionado às dificuldades de aceitação mútuas,



ignorância recíproca, conflitos iniciais sobre a falsa tensão entre evangelização e ação social, incapacidade de as igrejas mais antigas levarem o pentecostalismo a sério. Outro, não menos importante, é o anticatolicismo presente de maneira explícita ou discreta dependendo da Igreja.

Portanto há espaço para as várias manifestações de vivência ecumênica hoje. Há vários modelos possíveis e que coexistem e podem continuar coexistindo. Um novo mundo ecumênico já existe e é possível continuar existindo.

II. Modelos de vivência ecumênica no Brasil

A primeira delas é ocorre no universo evangélico.¹ Acontece entre os cristãos protestantes, pentecostais e evangélicos de maneira geral em entidades, conselhos e associações. Neste espaço está inserido o CLAI, embora haja outros espaços nesse universo, por exemplo, Associações e Conselhos de Pastores que estão presentes nas cidades grandes e de médio porte há muito tempo. Existem organizações de serviço e cooperação, nas quais a presença evangélica é a sua marca, como, por exemplo, Visão Mundial, Sociedade Bíblica do Brasil, Serviço de Evangelização para a América Latina – SEPAL, Diaconia, Movimento Evangélico Progressista – MEP, Grupo de Trabalho Missionário Evangélico – GTME.

Outro modelo é articulado através de Redes Evangélicas entre Igrejas e Organizações, com atuação programática específica. Assim é, por exemplo, a Rede Evangélica de Solidariedade, que reúne programas de educação sexual, prevenção e combate ao HIV/AIDS, e ação pastoral e assistencial para pessoas que convivem com HIV. Essa rede nasceu a partir do Programa de Educação Sexual e Saúde Reprodutiva do CLAI no Brasil, e com mais de 15 organizações e Igrejas envolvidas, inclusive a Visão Mundial. Outra rede que se destaca é a RENAS – Rede Evangélica Nacional de Ação Social, uma iniciativa conjunta de Visão Mundial, KOINONIA Presença Ecumênica e Serviço e o grupo Ultimato, tendo entre suas incentivadoras a Secretaria Regional do CLAI para o Brasil. Durante as últimas décadas tem exercido protagonismo, quando o próprio Governo Federal solicitou à Secretaria Regional como articuladora do universo evangélico a fim de atender demandas do Estado, como foi o caso do Conselho Nacional de Transparência e Combate à Corrupção, Conselho Nacional de Juventude, Conselho Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional e mais recentemente para participar do Plano Nacional de Mobilização Social das Igrejas Cristãs pela Educação.

.....
¹ Vale lembrar que a nomenclatura “evangélico” é utilizada em vários contextos e de várias maneiras. Além disso, a princípio e a rigor todo cristão é evangélico, pelo simples fato de seguir a mensagem dos evangelhos. Aqui, porém ela é utilizada para facilitar o entendimento do modelo ecumênico, no que tange mais especificamente a identidade.



A vivência ecumênica entre cristãs e cristão se dá em várias entidades. Algumas com a participação da Igreja Católica Romana e da Igreja Ortodoxa, como é o caso do CONIC. Outras entidades também possuem uma participação mais plural dentro do universo cristão como a Coordenadoria Ecumênica de Serviço – CESE, Centro de Estudos Bíblicos – CEBI, Centro Ecumênico de Evangelização, Capacitação e Assessoria – CECA e o Centro Ecumênico de Serviços à Evangelização e Educação Popular – CESEEP.

Outro tipo de vivência ecumênica é a experiência dos movimentos populares, que vivem um modelo livre de doutrinas e uma vivência da espiritualidade ecumênica a partir do compartilhar e agir diante de questões concretas do cotidiano. Por último, tem-se a experiência de algumas organizações ecumênicas de serviço que coordenam ações de incidência social junto com outras religiões. Ex.: KOINONIA Presença Ecumênica e Serviço, Instituto Universidade Popular – UNIPOP e Comissão Ecumênica Nacional de Combate ao Racismo – CENACORA e tantas outras iniciativas, especialmente de movimentos sociais em busca de direitos.

A outra experiência ecumênica é a inter-religiosa é aquela vivida para além das fronteiras do cristianismo O Conselho Mundial de Igrejas – CMI tem em sua estrutura de trabalho, desde 1971, o programa de diálogo inter-religioso e cooperação. Seu principal objetivo é promover diálogo como “a aventura comum das igrejas’ a ser empreendida com um espírito de honestidade, hospitalidade e esperança, enquanto buscamos “o que contribui para a paz e para a edificação mútua” (Rom 14:19) em um mundo multirreligioso (WCC, 2020). Ele promove diversas iniciativas de fortalecimento de diálogos bilaterais e multilaterais contínuos com budistas, confucionistas, hindus, judeus muçulmanos e sikhs.

Outra iniciativa é o aprofundamento da reflexão prática e teológica por meio de seminários, conferências e encontros para debater temas em comuns tais como: educação para a paz religião e violência etc. Além disso, coordena ações de engajamento em iniciativas em tema como migração e mudança climática.

III. Diálogo inter-religioso e a encíclica *Fratelli Tutti*

A recente encíclica do Papa Francisco está muito sintonizada com a principal força atual do ecumenismo, o **diálogo inter-religioso**. Nela estão presentes a reflexão e análise de vários aspectos universais em que a contribuição fraterna das religiões é muito importante.

A tônica da encíclica gira em torno do importante conceito de *oikoumene* como a *óikos* de todos e todas de que as pessoas ao redor do mundo habitam uma casa comum e pertencente a



uma única família e possuem o mesmo patrimônio, o planeta terra em que todos e todas por meio de uma fraternidade e amizade sociais estabeleceriam novos parâmetros de convivência. Portanto, caberia a uma sociedade fraterna e amistosa a responsabilidade é global no cuidado deste planeta em todos os aspectos para superar as mazelas atuais. O papa chama a responsabilidade da religião ser a grande e importante mediadora deste modelo de sociedade postulando que todas as pessoas são coirmãs para que uma nova sociedade planetária sem fronteiras seja possível. Neste modelo social global justiça, liberdade fraternidade e igualdade surgem a partir do diálogo protagonizado pelas religiões que seriam principais agentes desses valores. Desta maneira as religiões seriam espaço de encontro para o diálogo e busca de soluções eficazes e concretas para além de documentos. Seria o espaço de articulação.

A encíclica *Fratelli Tutti* resgata a filosofia do *Ubuntu*, em que eu sou porque nós somos ou uma pessoa é uma pessoa através de outras pessoas (OROBATOR, 2020). É fundamental fortalecer essa mentalidade em que cada pessoa é porque todas são em uma relação de interdependência total. Basta uma reflexão muito rápida e simples para entender que nas relações pessoais, governamentais, institucionais, internacionais e inclusive na relação com a natureza as pessoas não são autossuficientes, mas relacionais com o ambiente como um todo.

Outro elemento importante a destacar do documento papal é a utilização da parábola do bom samaritano. A partir dela utiliza lógica de Cristo para indicar que o conceito de próximo é na perspectiva global, não importando a proximidade familiar, de amizade ou geográfica, mas da dignidade humana acima de tudo. A importância desses elementos leva as pessoas ao compromisso de superar a indiferença e de ser responsável umas pelas outras.

Considerações finais

A realidade atual desafia a ressignificar o termo globalização na direção de uma nova sociedade global sem as classificadas fronteiras, étnicas, geográficas, políticas e econômicas. Mesmo considerando a importante contribuição de vários organismos multilaterais criados para mitigar os vários problemas mundiais percebe-se, diante da atual pandemia, o quanto é necessário aprimorar os mecanismos de solução pacífica de conflitos de interesses, superação da violência, busca de soluções político-econômicas mais justas com preocupações verdadeiramente ecológicas que respeitem o meio ambiente e promova a dignidade humana.

O contexto atual evidenciou problemas que talvez não viessem à tona caso a COVID-19 não estivesse assolando as nações. Nunca foi tão atual e necessário a busca de uma amizade social concreta e verdadeira. É claro que há exemplos de atitudes de nações e de pessoas demonstrando



na prática gestos nobres de solidariedade. No entanto há outros sinais de egoísmo, ganância que demonstram que as mazelas humanas ainda são fortes e devem ser superadas.

Diante deste quadro conjuntural as religiões são fundamentais, primeiro por sua capacidade de convocatória respeitada pelas seguidoras e seguidores das mesmas. Este poder de convocatória é uma grande responsabilidade que está nos ombros de autoridades religiosas mundiais para serem sinais e instrumentos de superação da realidade adversa. Utilizando uma figura de linguagem muito comum do cristianismo, as religiões devem ser voz profética de denúncia e articulação da sociedade mundial para solução dos diversos problemas muito evidentes hoje, como por exemplo os conflitos armados ao redor do mundo e as decorrentes migrações forçadas. Estes são dois problemas cruciais em âmbito mundial, mas não são os únicos que merecem especial atenção/ação.

Outro elemento importante da religião é o elemento da fé, a principal mola propulsora da esperança da humanidade. Este elemento é exclusivo das religiões, pois ela tem a capacidade de alimentar sonhos e para além disso são capazes de promover engajamento de transformações substanciais. Há vários exemplos ao redor do mundo em que a religião foi o principal meio articulador de transformação da realidade.

É importante reconhecer que os caminhos de unidade se constroem a partir da diversidade de expressões religiosas e de fé e que estas são elementos-chave para bases sólidas de uma sociedade global melhor e mais estruturada para superar egoísmos, individualismos e a ganância.

O documento papal é bastante oportuno e consolida uma série de diálogos e iniciativas das religiões para enfrentar diversos problemas mundiais. Ele convida a repensar posturas e fortalecer outras para que a oikoumene seja um ambiente de respeito, paz, dignidade e integridade da natureza em todas as suas formas de vida.

Referências bibliográficas

- BONINO, J. M. *Concilio Abierto: una iterpretación protestante del Concilio Vaticano II*. Buenos Aires: La Aurora, 1967.
- DIAS, Z. M. O movimento ecumênico : história e significado. *Numen*, v. 1, 1998, p. 127-163.
- GISEL, P.; KAENNEL, L. *Enciclopédia do Protestantismo*. Trad. Norma Cristina G. Braga Venâncio. São Paulo: Hagnos, 2016.
- OLIVEIRA, R. S. *Ecumenismo, direitos humanos e paz: a experiência do Fórum Ecumênico Brasil*. Rio de Janeiro: KOINONIA Presença Ecumênica e Serviço, 2006.



OROBATOR, A. *“Fratelli Tutti” é Ubuntu com outro nome*. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/603533-fratelli-tutti-e-ubuntu-por-outro-nome>>. Acesso em: 14 dez. 2020.

SANTA ANA, J. DE. *Ecumenismo e libertação : reflexões sobre a relação entre a unidade cristã e o Reino de Deus*. Petrópolis: Vozes, 1987.

WCC. Interreligious Dialogue and Cooperation. Disponível em: <<https://www.oikoumene.org/what-we-do/interreligious-dialogue-and-cooperation#about-us>>. Acesso em: 15 dez. 2020.

Recebido em: 12/12/20

Aprovado em: 21/12/20

Dados do autor

Doutor em Ciência da religião

Presbítero da Igreja Presbiteriana Independente